

1/2006-2007

82.09
P681
C 92 56 8993

Edicéia de Paula Antunes Piton

As singularidades dos contos queirosianos



**PONTES E LACERDA
2006**

mudar o código

BIBLIOTECA PAEMAT	
Camp. de Pontes e P. de MT	
RG N.º	~~0000~~
Data	25 / 07 / 06
() Compra (X) Doação () Permuta	

Edicéia de Paula Antunes Piton

As singularidades dos contos queirosianos

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Letras, apresentado ao departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda como requisito parcial para a obtenção do título de graduação em Letras.

Área de concentração: Estudos Literários.

Orientadora: Profa. Ms. Renata Beatriz Brandespin Rolon.

**Pontes e Lacerda
2006**

Este trabalho de conclusão de curso foi apresentado e defendido perante a
seguinte banca examinadora.

Profª Ms. Renata Beatriz Brandespin Rolon
Orientadora

Profª Elair de Carvalho
Convidada

Profª Ms. Isaac Newton Almeida Ramos
Indicado pelo Departamento

Pontes e Lacerda-MT.
2006

Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu querido esposo Adriano e a minha filha Adricéia, as duas razões de minha vida. Aos meus pais, irmãos e sobrinhos que me acompanharam incansavelmente até esta importante etapa de minha vida.

Agradecimentos

A Deus por me concedeu saúde e fé, forças para prosseguir neste caminho

Aos meus queridos pais: José e Diamir, pela educação que me deram, pois isto possibilitou-me fazer boas escolhas, pelo carinho e apoio a mim demonstrado, em que muitas vezes mesmo estando longe se fizeram tão presentes em minha vida.

Aos meus irmãos Luiz, Édina, Edimara e Gilmara, que foram um elo importante nesta etapa, pois, quando em momentos de angustia e incertezas sempre tiveram uma palavra de incentivo.

Aos meus sobrinhos Eliádabe, Quésia, Mídiã, Mibizã, Mizael, Hellouã e Hellouãni, pelo carinho e alegrias que me deram nestes anos.

Aos meus cunhados Juarez, Edenilson Silas e Laura, pelo apoio a mim demonstrado.

A minha querida amiga e filha do coração Nilcéia Piton, que foi grande incentivadora na minha caminhada acadêmica.

A minha orientadora Professora Renata Beatriz Rolon pela confiança em mim depositada, pelo auxílio e dedicação demonstrado em suas orientações.

Aos professores da Unemat pelos conhecimentos adquiridos.

Aos colegas de turma pelo apoio e amizade demonstrada ao longo do curso.

A minha grande amiga Léia Carvalho, pela amizade e compreensão demonstrada a mim e minha família.

Enfim a todos que direta ou indiretamente contribuíram na realização deste sonho muito obrigada.

**“O olhar de outrem é um
espelho que reflete duas
almas.”
Jean Chevalier.**

RESUMO

Em “Singularidades de Uma Rapariga Loura” e “José Matias,” de Eça de Queiros, nos quais paixão e realismo se fundem, o autor desenha as tristezas, amores frustrados, e dramas morais vividas pelas personagens além de mostrar as conseqüência que isto irá causar no íntimo de cada uma delas. Desse modo os contos querosianos tornam-se instrumentos de denúncias, pois através de suas obras Eça procura revelar a hipocrisia da sociedade burguesa da época. Partindo desse pressuposto procuramos entender os conflitos íntimos das personagens. Nesse prisma fez-se necessário à análise das personagens, do narrador, bem como, a intertextualidade presente na obra, simbologia, tempo, espaço. Por intermédio desses aspectos constatamos a sensação de impotência do homem diante da sociedade em que vive tornando-se refém de falsos valores impostos.

Palavras-chave:

Realismo, paixão, hipocrisia, conflitos íntimos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.	09
CAPÍTULO I.....	11
O CONTO QUEROSIANO.....	11
1.1 -OS SÍMBOLOS NA NARRATIVA QUEROSIANA.....	23
CAPÍTULO II.....	30
OS INTERTEXTOS EM "SINGULARIDADES DE UMA RAPARIGA". "LOURA" E "JOSÉ MATIAS".....	30
CAPÍTULO III.....	34
RELAÇÃO ENTRE TEMPO E ESPAÇO.....	34
3.1-O CRONOTOPO E AS AÇÕES ENTRE AS PERSONAGENS.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

Introdução

Nos contos “Singularidades de Uma Rapariga Loura” e “José Matias”, de maneira irônica, Eça de Queiroz traz à tona a hipocrisia e os falsos valores da sociedade burguesa da época procurando mostrar como este fator preponderante reflete nos sentimentos humanos. Nos contos em análise isso é evidenciado através de personagens sensíveis que sofrerão a degradação do ser em nome dos valores morais.

No primeiro capítulo, intitulado **O conto querosiano**, apresentamos a composição do narrador e os núcleos narrativos. Procuramos entender as ações das personagens e o motivo que os levavam a agir de maneira diferente já que todas nutriam o belo sentimento dos amantes, qual seja o amor. Porém é este sentimento que os tornam infelizes contribuindo para degradação do ser. Tal fator nos levou a compreender que todas estavam presas aos valores morais.

Ainda no primeiro capítulo, fez-se necessário criar uma divisão no intuito de entendermos os recorrentes símbolos que estão nas narrativas analisadas. Compreendemos então que estes símbolos estão ligados ao imaginário, ao psíquico do ser humano, posto que é na imaginação que se fundem o afetivo, o desejo, conhecimentos, sonhos, ou seja, o mundo do consciente e do inconsciente.

Compreendemos que abordar os recursos intertextuais de qual o autor faz uso, seria relevante para nossa pesquisa. Assim criamos uma subdivisão, com o intuito de verificar, como se dá a intertextualidade nas obras em questão. Para isto nos pautamos nos estudos de Bakhtin (2002) e J. Kristeva (apud Barros; Fiorin, 1999, p. 71), que afirma que “todo texto é absorção e transformação de outros textos”.

No segundo capítulo abordamos a relação tempo e espaço nos contos querosianos reconhecendo que os mesmos são de fundamental importância dentro da obra literária, pois eles possibilitam o engrandecimento da obra, caracterizando-as de acordo com os acontecimentos, descrevendo, e expressando o mundo ficcional.

Ainda no segundo capítulo, fez-se necessário fazermos uma divisão para abordarmos o conceito de Cronotopo, o que entendemos como a integração entre o tempo e o espaço dentro da narrativa. Esclarecemos que estes se resumem, e ambos se constituem e revestem de sentidos tornando os inseparáveis de modo que adquirem valor emocional. Desse modo o cronotopo tem função de centro organizador figurativos dos principais acontecimentos temáticos dentro da obra.

CAPÍTULO 1 – O CONTO QUEROSIANO

Ao abordarmos os contos “Singularidades de uma Rapariga Loura” (1873) e “José Matias” (1877), do autor Realista Eça de Queiroz, percebemos em ambos o mesmo núcleo narrativo, o qual irá servir para que o referido autor desenvolva questões que irão evidenciar a distância entre sonho e realidade, verdade e aparência.

Os contos em questão abordam sentimentos e frustrações intrínsecas no íntimo do ser humano, apresentam um estado de alma que dificilmente acharemos em outras narrativas. Os contos aqui analisados são compostos por um enredo que irá zombar do Romantismo. De maneira audaz, Eça de Queiroz, revela a verdadeira face da sociedade da época, camuflada por falsos valores.

Em “Singularidades de uma Rapariga Loura” e “José Matias”, cujos discursos não seguem a ordem cronológica dos acontecimentos, o protagonista conta a sua história, ou uma testemunha anuncia um fato que pertence ao passado. Desse modo, as potencialidades do mesmo estão restritas ao fato de que o conto corresponde a um flash back, ou seja, uma analépse, definido como: “todo movimento temporal retrospectivo destinado a relatar eventos anteriores ao presente da ação (...)”. Ou ainda considerar que a “analépse decorre não raro a ativação da memória de uma personagem”. (Reis, p. 230-1)

Em “Singularidades de uma Rapariga Loura” temos uma narrativa mediada por um intercessor. A presença de verbos no passado; “começou”, “era”, “chamava” nos dá indícios de que a história aconteceu em um tempo anterior ao da narrativa.

Por meio do Discurso Indireto, o narrador domina a narrativa e desempenha nela o papel de confidente das desventuras de Macário. Sendo assim podemos dizer que o narrador depende da voz do protagonista para relatar os fatos que irão fundamentar a narrativa. Assim temos:

Começou por me dizer que seu caso era simples e que se chamava Macário. Devo contar que conheci este

homem na estalagem do Minho... Foi neste ponto que Macário contou-me com voz singularmente sentida... Macário contou-me a noite que passou ao acaso ruminando a sua dor. (S. R. L. ¹ p, 20-1)

O narrador conhece Macário quando este tem aproximadamente sessenta anos de idade e compartilharam o mesmo "quarto da "estalagem do Minho", fato esse que facilita a confiança entre ambos. Ao jantar falam sobre a beleza feminina das terras do norte. A reação de Macário sobre esta conversa leva o narrador a perceber que há algum segredo por traz do silêncio de Macário. Isso fará com que mais tarde, já no quarto, o protagonista relate toda a sua história ao companheiro de hospedaria.

No conto "José Matias", temos há junção de várias tipologias em um só narrador, visto que, ora é monólogo, pois conta a história a um "amigo", porém este não responde (...) "Linda tarde meu amigo" (J.M. p.51), o que nos faz entender que esse amigo trata-se do "amigo leitor", uma vez que não é permitido ao interlocutor ter acesso à palavra, este é interceptado pelo eu narrador, que se antecipa com seus comentários, como vemos nos versos a seguir "... Estou esperando o enterro do José Matias", ora é filósofo, pois além de ser um professor de filosofia é um escritor bastante produtivo, pois ao longo da narrativa escreve três livros. "Defesa da Filosofia Hengeliana", "Origens do Utilitarismo", e por fim "Ensaio dos Fenômenos Afetivos". Não obstante está sempre a filosofar sobre o protagonista, procurando entender as atitudes de José Matias "... Mas para que naquele lance deslumbra dor, ele sentisse ao lado a força modeladora da filosofia..." (J.M. p.62).

Outro fator relevante ao foco narrativo é que o narrador está inserido dentro do texto e intercala fatos de sua vida com os personagens:

Voltei a Lisboa meu amigo. O inverno passou seco e muito azul. Eu trabalhei nas minhas origens do utilitarismo. Um domingo no Rossio quando já se vendiam cravos nas tabacarias avistei dentro de um cupê a divina Eliza. (J.M. p. 63)

¹ Faz-se necessário esclarecermos que usaremos as siglas S. R. L. para indicar o conto "Singularidades de uma rapariga loura" e J. M. para designar o conto "José Matias".

Diante destas evidências, chegamos a um único narrador, qual seja, narrador personagem, "... porque é através do ponto de vista do personagem narrador que conhecemos o que se passa dentro do texto" (D'Onofre 2002, p. 62) Essa maneira de narrar, convence o leitor de que a história realmente aconteceu pelo fato do narrador demonstrar que conheceu o protagonista, revelando um pouco de si, e isso irá prender o leitor a narrativa até o final. Tal recurso nos remete aquele narrador ancestral de que fala Benjamim. Para ele a arte de narrar durante muito tempo floresceu num meio artesão, ou seja, não era interessante transmitir o puro em si da coisa narrada como uma mera informação ou um relatório antes ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. "Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso". (1996, p.205).

Como mencionado anteriormente à temática das obras em análise tratam das inquietações humanas, desde as perturbações psíquicas até aos valores morais impostos pela sociedade. Deste modo estaremos verificando como isto acontece com os personagens querosiano, que em primeiro momento apresentam-se forte e no decorrer da narrativa tornam-se personagens extremamente frágeis.

Ao longo do conto "Singularidades de uma rapariga loura", o narrador introduz um fato que irá mostrar pistas ao leitor sobre o caráter forte e reto de Macário, o que nos remete a tese da constituição biológica:

Perguntei-lhe então se era de uma família que eu conhecera que tinha apelido de Macário. E como ele me respondeu que era primo desses, eu tive logo do seu caráter uma idéia simpática, por que os macários eram uma antiga família, quase uma dinastia de comerciantes, que mantinham com severidade religiosa a sua velha tradição de honra e escrúpulos. (S.R.L. p.18)

Em "José Matias" o narrador também faz uma descrição minuciosa sobre o protagonista no qual reforça os valores biológicos ao enfatizar a família a qual pertencia.

José Matias de Albuquerque, sobrinho do visconde de Garmid... O meu amigo certamente conheceu – um rapaz curioso, louro como uma espiga, com um bigode crespo de paladino sobre a boca indecisa e contemplativa, destro cavaleiro, de uma elegância sombria e fina. E espírito curioso muito afeiçoado às idéias gerais, tão penetrante que compreendeu a minha defesa de Filosofia Hengeliana! (J.M. p.51)

Percebemos então que os protagonistas são apresentados como pessoas de bem, de caráter reto além de descenderem de boa família. Nesse sentido, ao enfatizar a instituição familiar, às ironias e críticas de Eça estão direcionados ao casamento, uma vez que para sociedade burguesa da época, para se construir uma família era necessário que acontecesse por meio desta instituição. E esta já se encontrava em um processo de deterioração. Contudo, para se chegar a esta consumação é preciso que o amor aconteça, e mais, que este, seja comum a ambas as partes. Nesse prisma, nos contos aqui analisados, os sentimentos das personagens são divergentes, ou seja, cada um ama a seu próprio modo. Por mais que amor seja capaz de proporcionar a felicidade ao ser humano, é este nobre sentimento que leva os protagonistas à decadência.

Percebemos então que os contos estão centrados na alma feminina, nas contradições dos falsos valores morais, na vida fútil das pessoas da época. Todas estas estavam á mercê do devasso destino. Por conta disso, Eça de Queiroz promove uma reflexão estética que irá salientar o materialismo realismo em oposição ao idealismo romântico.

Eça elege suas personagens femininas para comandar as narrativas. Assim, as personagens Luiza em (S.R. L) e Eliza em (J.M.) são a peça chave na evolução do enredo. O autor da a essas personagens as mais belas definições de doçura, beleza e jovialidade.

Era uma rapariga de vinte anos talvez – fina fresca, loura como uma vinheta inglesa a brancura da pele tinha alguma coisa da transparência das velhas porcelanas, e

havia no seu perfil uma linha pura como de uma medalha antiga e os velhos poetas pitorescos ter-lhe-iam chamado pomba, arminho, e neve e ouro" (S. R. L., p.21) / (...) a formosa Eliza Miranda, a Eliza da Parreira: Foi a sublime beleza romântica de Lisboa nos fins da Regeneração. (J. M., p. 55).

Faz-se necessário esclarecer que à primeira vista, estas personagens podem passar despercebidas na trama, contudo é o comportamento de ambas que irá mudar radicalmente as vidas de Macário e José Matias.

Em "Singularidades", Macário tem a amarga experiência de perder o emprego de Guarda Livros na casa comercial de seu tio Francisco. Desamparado, sem ter onde morar, ele é obrigado a procurar trabalho em terras distantes, conforme nos relata o narrador.

Conhecer as viagens trabalhosas nos mares inimigos, o enjôo monótono num beliche abafado os duros sois das colônias, a brutalidade tirânica dos fazendeiros ricos, o peso dos fardos humilhantes, as dilacerações da ausência. (S.R.L.p. 40)

Luísa, sua amada, parece ser indiferente as inevitáveis mudanças na vida de Macário. Tal fato é evidenciado pela voz do narrador, quando este mostra-nos os diferentes sentimentos das personagens: "... Macário chorou. Ela com sua passiva e loura doçura, dize-lhe - Fazes bem. Talvez ganhe" (S.R.L. p. 40). A indiferença de Luisa leva-nos a concluir que a mesma ama com menos intensidade, já o amor de Macário é mais exacerbado.

Analisando o comportamento da personagem Elisa de José Matias, vemos que as mudanças em sua vida se deram em função de suas próprias atitudes. Contudo, salientamos que o amor de Matias por Elisa se constitui como um amor platônico, um amor que não se consuma em virtude da personagem ser uma mulher casada. Esse sentimento é alimentado somente pela idealização, contemplação de José Matias ao ser amado. A contemplação do personagem nos remete a simbologia do olhar, que segundo Chevalier & Gheerbrant.

é carregado de todas as paixões da alma é dotada de um poder mágico, que lhe confere uma terrível eficácia. O olhar é o instrumento das ordens interiores: ele mata, fascina, fulmina e seduz. (2002, p. 653)

A partir destas considerações vemos as forças exercidas em um simples olhar, daí podemos avaliar as conseqüências em uma personagem ultra-romântica como José Matias, que considera Elisa uma deusa intocável, objeto de desejo espiritual. Ele passa longos anos embebido nesta contemplação, como mostra o narrador:

(...) a sua deusa da à felicidade a José Matias, uma unidade perfeita, a unidade de um cristal que por todos os lados re-brilha igualmente puro, sem arranhadura ou mancha... E este enlevo meu amigo levou dez anos, assim esplêndido puro distante e imaterial (...) (p. 59)

Nesse prisma, as personagens Luísa (S R L) e Elisa (J M) apresentam semelhanças e divergências. Luísa parece não se importar com os sentimentos do noivo, já Elisa não é indiferente aos sentimentos de José Matias. Isso se verifica quando esta fica viúva de Matos Miranda e Matias toma a iniciativa de partir para a cidade do Porto para esperar o "luto pesado passar". Elisa vai ao seu encontro afim de que o amor de ambos se concretizasse. Porém, o protagonista a recusa, o que se confirma pelas palavras do narrador. "Já sabes foi o José Matias que recusou. Ela escreveu esteve no Porto... chorou... Ele nem consentiu em a ver: não quis casar, não quer casar". (J.M. p. 66).

A princípio essa atitude de Matias parece grosseira e estúpida, mas a sua intenção era de proteger Elisa, preservar nela a divina mulher, o amor na sua essência. Depois dessa recusa, Elisa anuncia seu casamento com Torres Nogueira, o que fere profundamente o coração sensível de Matias.

A atitude de Elisa demonstra que o casamento era algo indispensável para a mesma, não pela solidez que essa instituição possa representar, mas

por necessidade física inerente ao instinto humano. O narrador fortalece estas observações quando dá ao leitor uma explicação biológica. "(...) cansada da viuvez, com aqueles belos trinta anos em botão casou (...)" (J.M. p. 66).

Quanto a Luísa, a rapariga loura, com sua aparente passividade, parece ser indiferente ao casamento. Aceita casar-se com Macário por imposição da mãe:

Amava de certo Macário, mas com todo amor que podia dar uma natureza débil, aguada nula. Era como uma estriga de linho, fiava como se queria, e às vezes naqueles encontros noturnos, tinha sono. A mama percebeu disse ela. E contou que a mãe desconfiava, ainda rabugenta e áspera, e que decerto farejava aquele plano nupcial tramado como uma conjuração. _ por que não me vens pedir a mama? (S.R.L.p. 38)

A diferença de ideais entre as personagens vem evidenciar os conflitos íntimos de Luísa. Por ser mais jovem, o normal seria demonstrar-se mais interessada pelo sexo oposto, no entanto isto é ofuscado por uma perturbação psíquica, pois ao final da narrativa ficamos sabendo que ela era cleptomaniaca, o que segundo a definição encontrada no dicionário Aurélio; corresponde ao "Impulso mórbido ao roubo". O ser humano é levado a uma necessidade irresistível em furtar.

Esse "defeito" pode decorrer da necessidade que Luisa tem em corresponder às expectativas da sociedade burguesa que a rodeia. É importante observar que todos os objetos furtados por Luísa (os lenços da Índia, o anel de brilhante, o leque), são elementos típicos de ostentação e riqueza da alta classe social.

Esta fraqueza de caráter a faz bater de frente com os valores morais. Ela se torna dissimulada, falsa e imperfeita. Sua doçura é desnudada e exposta para ser reconhecida como parte integrante da sociedade burguesa da época.

A dissimulação de Elisa também é intrigante. Ela corresponde aos olhares de Matias porque o ama, o que contribui para alimentar suas expectativas.

E sabe o meu amigo o que exacerbou, mais furiosamente, este tormento? É que a pobre Elisa mostrava por ele um antigo amor... Não sei mais logo desde setembro, quando o Torres Nogueira partiu para suas vinhas de Carcavelos, a assistir a vindima, ela recomeçou da borda do terraço, por sobre as dalias abertas, aquela doce remessa de doces olhares com que dez anos extasiara o coração do José Matias. (J.M. p. 70)

Nos fragmentos acima o narrador classifica a personagem como "pobre Elisa", demonstrando que mesmo estando casada, não era feliz e as chamadas do antigo amor, do seu amor por Matias, estavam vivas. A viagem do marido favorecia a troca de olhares entre ela e Matias.

Essa atitude de Elisa nos remete a personagem Luísa de *O Primo Basílio*. Neste romance, a viagem de Jorge, o marido traído, favoreceu o reencontro de Luísa e Basílio. Entretanto, o que diferencia Luísa de *O primo Basílio* e Elisa é que na primeira os sentimentos estão relacionados ao desejo carnal, na segunda os sentimentos são mais puros, verdadeiros, sem interesses.

Outro momento que nos confirma o amor de Elisa por José Matias se dá quando esta fica viúva pela segunda vez. "E o José Matias inteiramente se sumiu, se evaporou, sei que me renovassem novas dele, mesmo incertas" (J.M. p. 75). Na ausência de José Matias, movida pelo instinto humano, Elisa toma como amante o operador de obras públicas: "A divina Elisa tinha agora um amante por não poder com sua acostumada honestidade, possuir um terceiro marido." (J.M. p. 76). José Matias descobre o novo endereço e do portal da casa de Elisa, ele volta a sua muda contemplação. Mas, mesmo tendo um amante, Elisa continua a retribuir aos olhares de Matias, mesmo sabendo que ele estava na mais completa miséria.

Por traz da vidraça ou encostada a varanda (com o apontador dentro estirado no sofá, já de chinelas, lendo o jornal da noite) ela se demorava a fitar o portal, muito quieta, sem outro gesto, naquele antigo e mudo olhar do terraço por sobre as rosas e as dalias. (J.M. p. 79).

A personagem foge dos padrões do Romantismo, posto que esse período é marcado pelo subjetivismo, sentimentalismo e irracionalismo. O fato de Elisa precisar de um terceiro marido reforça tais observações. Ainda, mesmo amando José Matias, a personagem não se anula, ou seja, dá continuidade a sua vida. Elisa não renuncia ao humano desejo de amar só porque alguém a divinou. A maneira que se entregou a paixão pelo apontador de obras públicas confirma essas considerações: "Elisa o conheceu, e amou com paixão tão urgente que o arrancou precipitadamente das Obras Públicas, e o arrastou para Lisboa cidade mais propícia do que Beja a uma felicidade escandalosa" (J.M. p. 76). Isso demonstra que a personagem é extremamente corajosa, e esta a frente do seu tempo, pois contraria as convenções sócias de que depois dos quarenta anos a mulher não poderia mais se casar. O comportamento de Elisa pode passar despercebido, no entanto revela as críticas de Eça ao moralismo da época.

Contudo é necessário salientarmos que as atitudes de Elisa são motivadas pelo comportamento peculiar de José Matias. Ela o deseja ao seu lado, almeja a junção dos corpos, já Matias se interessa apenas pela alma de Elisa indiferente a submissão carnal.

Desse modo, ao construir personagens extremamente apaixonadas como Macário e José Matias, percebemos a crítica sutil de Eça de Queiros ao Ultra-romantismo português, período que corresponde à segunda metade do século XIX, e tinha como característica o exagero dos ideais românticos. Neste período as personagens amam cegamente o que não os permite ver a realidade, levando os a viver em um mundo de sonho. A maneira que Macário descreve sua amada confirma nossa compreensão: "(...) e na meiga pequenez de sua mão, com uma unha mais polida que o marfim de diêpe (...), com uma das mãos apoiando sua fina cabeça loura e amorosa (...)" (S.R. L p. 31).

A paixão de Macário é tão forte que o impede de ver o verdadeiro caráter de Luisa, pois em momento algum ele a responsabiliza pelo sumiço do pacote de lenços ocorrido no armazém do Sr. Francisco, tio de Macário. Também não a culpa pelo desaparecimento da peça de ouro durante a reunião em que estavam presentes os amigos das Vilas.

Luisa vendo a girar, girar e parecia que todo o céu, a pureza e a bondade das flores e castidade das estrelas estavam naquele claro sorriso distraído e espiritual, arcagético, com que ela gira, gira, seguia o giro da peça de ouro nova. Mas de repente, a peça correndo até a borda da mesa caiu para regaço de Luísa e misteriosamente sem se ouvir no assoalho de tabua o seu ruído metálico. (S.R.L. p. 32).

Luísa sacode seu vestido, mas, no entanto a peça não aparece, sendo assim, o mais lógico seria atribuir a ela a culpa pelo desaparecimento da peça. Apesar das evidências Macário atribui à culpa a outra pessoa.

Através das atitudes de Macário podemos classificá-lo como um personagem extremamente romântico, porém este romantismo, ao final da narrativa, cede lugar ao comportamento realista, pois ele rompe o noivado com a jovem quando a mesma furta um anel numa joalheria.

Nesse momento da narrativa percebemos as verdadeiras intenções de Eça em mostrar a mudança de comportamento de Macário. Nesse prisma, o personagem inserido no período romântico fecharia os olhos para a realidade e aceitaria Luísa com sua compulsão ao roubo acreditando que tudo seria resolvido, pois ela poderia se arrepender de seus atos e se tornaria outra pessoa. Mas, sendo um personagem moldado ao estilo do realismo age racionalmente e termina o noivado com a jovem por saber que dificilmente ela modificaria seus hábitos.

Já José Matias é um homem simples extremamente sensível. Dentre as personagens até aqui apresentadas é o que mais demonstra os sentimentos íntimos do ser humano, revelando ser um pouco depressivo, pois ao longo da história sua angústia é evidente. Seu modo diferente de amar, ou seja, o amor idealizado, alimentado pela contemplação, leva o narrador a classificar tal sentimento de "amor espiritual": "(...) Tão absoluto seria o espiritualismo de José Matias, que apenas se interessasse pela alma de Elisa, indiferente às submissões de seu corpo, invólucro inferior e mortal?... Não sei" (J.M. p. 61.).

O sentimento exacerbado de Matias o leva a divinar o ser amado, vê-lo como um ser imaterial, inatingível aquilo que não se pode tocar "(...) ele amara

uma mulher, e colocara entre as estrelas para a mais pura adoração (...)” (J.M. p. 69). Entretanto esse sentimento o torna infeliz levando a mais profunda degradação do ser humano, pondo fim à matéria carnal.

Contudo é possível perceber que para José Matias a honra vale mais que tudo, pois mesmo pobre e andrajoso, rejeita a ajuda que Elisa lhe oferece. “(...) Muito delicadamente, por caminhos enredados e astutos, ela rica, procura estabelecer uma pensão para José Matias mendigo... Ele, porém, adivinhou donde procedia a pavorosa esmola e recusou (...)” (J.M. p. 79). A recusa o permite morrer com dignidade para os moralizantes, uma vez que, só depois da morte Matias aceitará algo de Elisa, as flores que cobrirão sua sepultura.

O comportamento de Matias é marcado pela fuga da realidade para um mundo imaginário, criado a partir de sonhos e emoções, demonstrando assim aspectos da segunda fase do Romantismo. As características românticas são levadas ao exagero e os sentimentos passam a predominar sobre a razão. Nesse sentido é que o protagonista perde a vida em função de um amor platônico.

O drama vivido pelos protagonistas Macário e José Matias nos remete ao personagem bíblico Jacó que em função de um grande amor, passou sete anos trabalhando para seu futuro sogro para poder casar-se com Raquel. Porém este é enganado pelo seu sogro Labão, ao qual lhe entregou Lia como esposa. Indignado com a situação Jacó foi reclamar com o sogro e este lhe disse: “Não se faz assim em nossa terra, dar se a mais nova antes da primogênita”. (Gênesis, 29: versículo 26). Diante do inusitado Jacó se viu obrigado a trabalhar por mais sete anos para casar-se com Raquel.

O aspecto comportamental de Matias e Macário nos permite ligar as duas narrativas (“Singularidade de Uma Rapariga louca” e “José Matias”), uma vez que a tônica universal no que seria sonho e realidade, configura uma profunda participação das personagens Matias e Macário. Em função desta participação, as narrativas de Eça, apóiam se na concepção de Vladimir Propp, ao colocar, através de seu livro *Morfologia do Conto* que “no conto as partes constitutivas são as funções das personagens” (Propp, 1983, p. 148).

Desse modo temos a compreensão de que os contos se mantêm vivos não só no enredo, mas em especial o conflito de emoções, o que nos possibilita classificar estas narrativas como lírico dramáticas, afirmação esta

que se respalda na conclusão de F. Costa Marques, o qual assegura que “no conto importa que haja dons de imaginação poética de sensibilidade que o façam viver em nos e em nós provoquem emoções...” (Marques 1968, p. 258).

Quando nos deparamos com personagens como as aqui apresentadas, que revelam características autênticas do comportamento humano, temos a impressão de terem realmente existido. Para Brait (1998, p. 66) isto é possível, pois elas estão “numa dimensão que os tornam imortais e capazes de falar eternamente da existência do homem no mundo” .

1-1- Os símbolos na narrativa querosiana

Sabemos que os símbolos estão ligados ao imaginário, ao psíquico do ser humano, onde se fundem o afetivo, desejo, conhecimento, sonhos, o consciente e o inconsciente. Desse modo podemos dizer que os símbolos são portadores de sentidos múltiplos, levando a interpretação espontânea e reflexão pessoal.

Cada indivíduo tem a sua própria linha de interpretação, sendo assim a percepção do símbolo é pessoal, mais precisamente pela propriedade e sensibilidade com que expressa as influências, das forças instintivas e espirituais que gera conflitos no íntimo do ser humano. Segundo Chevalier & Gheerbrant

No sentido mais amplo da palavra, o símbolo exprime, de modo indireto figurado e mais ou menos difícil de decodificar, o desejo ou os conflitos. O símbolo é a relação que une o conteúdo manifesto de um comportamento, de um pensamento, de uma palavra, ao seu sentido latente. (2002, p. 21)

O símbolo faz parte da vida humana desde o início da existência, porém visto de diferentes formas e muitos sentidos. Através dos símbolos o homem expressa tudo que apresenta um significado desconhecido ou oculto.

Nessa perspectiva, em "Singularidades de uma Rapariga Loura", percebemos a fixação de Eça de Queiroz pela figura loura e de olhos azuis: "é branca e loura como arminho" (S.R.L. p. 38). A aparência da personagem sugere pureza e ingenuidade, de modo que a cor branca é repetida inúmeras vezes durante a narrativa, dando a entender que a aparente singeleza de Luísa, a clareza de sua pele, escondem o caráter obscuro da personagem.

É interessante ressaltar que o sobrenome de Luísa e sua mãe nos remetem à cor branca. Segundo Toledo²: o adjetivo Vilaça "designa animal ou pessoa Albina" No conto mãe e filha são descritas como pessoas muito brancas. Assim o vocábulo Vilaça sugere a brancura da pele e também pode evidenciar as principais características das personagens.

Em "José Matias" observa-se o contraste entre o preto e o branco, representados pelas definições da beleza de Elisa:

Alta esbelta, ondulosa, digna de comparações bíblica da palmeia ao vento. Cabelos negros, lustrosos e ricos em bandos ondedados. Uma encarnação de Camélia muito fresca. Olhos negros, líquidos quebrados, triste de longas pestanas... (J.M. p. 56).

As características de Elisa opõem-se as de Luísa. O branco está sempre presente nas vestes e adereços, "a divina Elisa vestida de claro, com um chapéu branco", ainda, "E essa claridade viva envolvia uma figura branca, nas longas pregas de um roupão branco"... (J.M. p. 74). Vemos então o contraste das vestes com seus olhos e cabelos, o que realça ainda mais a sua beleza. Entretanto, é possível perceber que as atribuições de pureza representada pelo branco, estão intrínsecas as críticas do caráter duvidoso das personagens.

Macário e José Matias são louros, porém igualmente dotados de certa beleza. Quanto ao primeiro temos: "Macário, nesse tempo, era louro com barba curta... O cabelo era anelado..." (S.R.L. p.14). Em Matias:

² Artigo consultado no site www.bestiario.com.br

O meu amigo certamente conheceu - Um rapaz airoso, louro como uma espiga, com um bigode crespos de paladino sobre a boca indecisa e contemplativa, destro cavalheiro, de uma elegância sombria e fina (J.M. p. 51).

Diante dos atributos das personagens é possível perceber as diferenças estabelecidas entre as personagens masculinas e femininas. Segundo Chevalier & Gheerbrant 2002, p. 560, a “cabeleira louro é sinal não apenas de beleza masculina e feminina, mas de beleza de reis; e também, simboliza as forças psíquicas emanadas da divindade”. Neste sentido o louro das personagens soma-se ao conceito de inteligência e retidão de caráter de que se falou anteriormente.

Em princípio, a cor branca e o louro nos parecem muito próximos e, em uma primeira leitura colocaríamos em um mesmo patamar. Entretanto, perceberemos um grande distanciamento nestas simbologias aqui representadas, pois o branco atribuído a Luísa (S.R.L.), sugerem transparência e pureza, no entanto isto é obscurecido pelo caráter duvidoso da personagem.

Outro fator relevante e que em momento algum as personagens femininas recebem atributos de inteligência, já Macário e José Matias pelas próprias características, são assim descritos. Isto coloca a mulher em desvantagem em relação ao homem. Contudo é preciso salientar que mesmo sendo superior a mulher o homem sucumbe aos encantos femininos. O homem não se reconhece enquanto ser humano, sujeito a franquezas e por isso classifica a mulher como ser torpe e falsa, como vemos nas declarações exasperadas do narrador:

O meu amigo serrou os punhos, e bateu na coxa espantado. Eu também serrei os punhos ambos, para os levantar aos céus, onde se julgam os feitos da terra, e clamar furiosamente aos urros, contra a falsidades, a inconstância ondeante e pérfida, toda a enganadora torpeza das mulheres, e daquela especial Elisa cheia de infâmia entre as mulheres... (J.M. p.65).

Estes comentários precedem de uma visão notadamente masculina, dirigida especificamente a Elisa, mas neles o narrador procura enquadrar todas

as mulheres, dando lhes atributos de más, obscurecendo o bem inerente a todas. Na verdade, "o mal parece compreensível, mas é na medida em que o bem é a sua chave. Se na intensidade do bem não desse seu negror a noite do mal, o mal não teria seu encanto". (Batalle, 1998, p. 127). No entanto para receber esse bem seria preciso que o homem conhecesse a mulher em todos os sentidos, ou seja, todas as suas reações, sem segredos e sem surpresas.

O conceito, ligando o mal a mulher originam-se pelo fato da doçura e dos caprichos femininos: "esconderem o império das trevas em que o homem se vê mergulhado em magia sedutora".³ Desse modo o mal dá a imagem feminina uma dupla face. Muitas vezes, movida pelas habilidades inerente à mulher, o homem se vê envolvido, o que leva-o a confundir os sentimentos masculino, resultando um misto de amor e fúria.

Outro aspecto relevante nos contos em análise é a compleição da moldura enquadrante em que os protagonistas Macário e José Matias observam as personagens Luísa (S.R.L.) e Elisa (J.M.), que se dá por meio das janelas, jardins e varandas. Os primeiros olhares são trocados através da janela, que é ofuscado pelo sol ou por traz das cortinas.

Sentou-se a sua carteira com a janela toda aberta e olhando o prédio fronteiro... Sentiu defronte correr a vidraça; eram decerto aqueles cabelos negros. Mas apareceram os cabelos louros... A rapariga reparou naturalmente em Macário e naturalmente desceu a vidraça, correndo por traz uma cortina de cassa bordada... Não há podia ver pela manhã; o sol mordente de julho batia e escaldava a pequena janela de peitoril. (S.R.L. p. 14-5).

Assim Macário conhece a rapariga loura. Contudo a observação é dificultada pelo sol e as cortinas o impediam de vê-la com nitidez. Ele a verá realmente quando Luisa vai ao estabelecimento comercial do Sr. Francisco tio de Macário. Esse encontro será marcado pelo sumiço da "caixa de lenços da Índia", porém o coração ingênuo de Macário não percebe as singularidades da rapariga.

³ Retirada do artigo de Cleide da Silva da Costa Papes. Revista do Centro de Estudos Portugueses, 1999.

Em "José Matias" os olhares também acontecem por meio de uma janela e do terraço, como vemos no trecho que segue.

As janelas do quarto do José Matias abriam sobre seu jardim e sobre o jardim dos Mirandas... e a cada momento irresistivelmente, por um hábito já tão inconsciente como o pestanejar, os seus olhos risonhos, calmamente enternecidos se voltaram para as vidraças fechadas... De sorte que acompanhando aquele raio ditoso, logo descobri no terraço da casa da parreira a divina Elisa. (J.M. p.57-8).

A moldura enquadrante, presente nas narrativas, representadas pelas formas geométricas, nos remetem ao quadrado, figura mais comum à linguagem dos símbolos. Na concepção de Chevalier & Gheerbrant (2002, p 751), "simboliza a interrupção, ou o instante antecipadamente retido. Implica uma idéia de estagnação, de solidificação e até mesmo estabilização da perfeição".

De acordo com estas definições percebemos que por traz da moldura Eça de Queiros procura retratar a sociedade da época. Em uma visão corrosiva e satírica, aponta as mazelas da vida social portuguesa deixando transparecer, nestes contos, os mistérios do destino e as inquietações dos sentimentos humanos, o desequilíbrio da razão e a hipocrisia dos valores morais burgueses.

A minha ambição seria pintar a sociedade portuguesa... e mostrar-lhe como num espelho, que triste país formam- eles e elas. (...) É necessário acutilar o mundo oficial, o mundo sentimental, o mundo literário, o mundo agrícola, o mundo superfisioso e, com todo respeito pelas instituições de origem eterna, destruir as falsas realizações que lhe dá uma sociedade podre "⁴

Como vemos, o autor sente-se na obrigação de "abrir os olhos" da sociedade burguesa da época. Ao dar vida aos personagens Macário e José

⁴ Retirada do artigo de Maria das Graças de S. Arreboló, publicado na revista 150 Anos com Eça de Queiros, 1997, p.622.

Matias o autor as constrói como se fossem porta voz de suas intenções. De acordo com Brait (1998, p. 20) essa função é perfeitamente possível de ser desempenhada por uma personagem, “baseia-se numa longa tradição empenhada em enfrentar essa instância narrativa como a soma das experiências vividas e projetadas por um autor em sua própria obra”.

Num outro momento da narrativa de “Singularidade de uma rapariga louca” notamos a simbologia referente à viagem do protagonista. É em uma viagem que o narrador conhece Macário, o protagonista, e não só relata sua história, mas faz uma retrospectiva de sua vida, de sua juventude, de fatos determinantes em sua vida adulta.

Percebemos que ao mencionar o drama de Macário, o narrador faz uma descrição minuciosa do ambiente, (o que falaremos em um outro momento). Porém, gostaríamos de ressaltar o momento em que são descritos os sapatos de Macário, e de todos os hóspedes da estalagem do Minho. O narrador conta que havia sapatos grandes e pequenos, de todas as categorias, ou seja, de padres, estudantes, crianças, caçadores, sapatos de mulher que são descritos como os mais delicados. Desse modo, pelo fato dos hóspedes estarem sem sapatos, entendemos que os mesmos estavam em um lugar que não os pertencia, uma vez que, “estar calçado significa tomar posse da terra” (Chevalier & Gheerbrant, 2002, p. 80-1). O que se torna óbvio pelo fato de estarem em viagem. Por outro lado entendemos que as pessoas não haviam tomado posse daquilo que representa o bem maior do ser humano: a autonomia de si mesmas. Contudo os sapatos estavam enlameados, e precisavam ser limpos.

Sabemos que a lama resulta da mistura da água com a terra. Se considerarmos a água como princípio de purificação, e a lama como um início de degradação, entenderemos que a sociedade precisava passar por uma purificação. Através do simbolismo ético todas as pessoas presentes na estalagem podem ser identificadas como “escória da sociedade, com a ralé, ou seja, com os níveis inferiores do ser: uma água contaminada, corrompida” (Chevalier & Gheerbrant, 2002, p. 534).

Em “José Matias” a narrativa acontece durante a última viagem do ser humano: o cortejo funeral, o qual sugere o final, o rompimento da vida com o plano terrestre. Durante a narrativa, em vários momentos, o narrador enfatiza a

morte de Matias. “Vem saindo o caixão da igreja... Chegamos ao cemitério creio que devemos pegar às borlas do caixão” (J.M. p. 52-82). Assim, como a morte pode representar fim, pode também abrir outras possibilidades de libertação do ser. Para Chevalier & Gheerbrant (2002, p. 621). “(...) ela tem valor psicológico: liberta das forças negativas regressivas, ela desmaterializa e liberta as forças de ascensão ao espírito”. Afirmação esta que é confirmada pela voz do narrador:

Era o grito da alma, no assombro de morrer também? Ou era a alma triunfando por se reconhecer imortal e livre? O meu amigo não soube nem o soube o meu amigo Platão; nem o saberá o derradeiro filósofo na derradeira tarde da vida. (J.M. p. 82).

Diante dos conceitos de morte e viagem, compreendemos que nas narrativas estas devem acontecer no íntimo de cada personagem, libertando-se dos grilhões que a sociedade impõe, permitindo-os viver de maneira digna, possibilitando-lhes a paz de espírito, levando-os realizar seus verdadeiros desejos, desprendendo-se dos preconceitos.

1.2– Os intertextos em “Singularidades de uma rapariga loura” e “José Matias”

O universo intertextual presente nos contos querosiano, especificamente em “Singularidades de Uma Rapariga Loura” e “José Matias” vem avigorar a grandeza emblemática da obra, abrindo caminhos para a compreensão e significação da narrativa.

Em “Singularidade de Uma Rapariga Loura”, em alguns momentos, percebemos que a voz do narrador se apaga, dando vida própria ao protagonista, fazendo emergir o diálogo, de modo que este diálogo, na seqüência narrativa relatada, aparece cortado pelo regresso ao tempo. Neste regressar o próprio Macário relata sua história, apresentando ao leitor em um

tempo presente. Entretanto o narrador retoma a narrativa deixando abundar o diálogo.

Em “José Matias”, o leitor conhece a estória pelo prisma do narrador, já que o protagonista não tem voz, ou seja, quase não têm voz, apenas alguns sussurros angustiantes. “-Um calor... uma sede, - É o calor... Está um calor”. Entretanto o diálogo se dá entre o narrador e o leitor, assim subentendido pelo fato do interlocutor não ter direito de resposta, uma vez que o eu narrador se antecipa as mesmas. Diante destas considerações é possível perceber a intertextualidade que entra em relação dialógica /polifônica com a obra.

Para sustentar essas considerações pautamos-nos nos estudos de Bakhtin (2002), analisando a relação entre dialogismo e polifonia, termos, que segundo Diana Barros (1997), são muitas vezes utilizados como sinônimos nos escritos de Bakhtin. Para ela “nos textos polifônicos os diálogos entre discursos mostram-se, deixam-se ver ou entrever”. (idem, p.35). De acordo com Bakhtin, tanto o romance quanto a linguagem, se estruturam tendo como base o dialogismo. Para este pensador o diálogo não se restringe simplesmente a troca de falas entre interlocutores, mas no processo de auto conhecimento do outro. Desta forma, o romance polifônico irá propor o diálogo de um texto com outro, ou com vários textos, com vozes que se entrecruzam num mesmo discurso. O recurso dialógico criou novas possibilidades literárias, tendo em vista que a orientação dialógica é naturalmente um fenômeno apropriado a todo discurso, como ele propõe: “Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar com ele de uma interação viva tensa” (Bakhtin, 2002 p. 88).

Em “Singularidades de uma Rapariga Loura” e “José Matias” é possível perceber o diálogo intertextual. Compreendemos intertextualidade como a existência de um ou mais textos no suporte de uma estrutura textual. Neste sentido J. Kristeva (apud Barros; Fiorin, 1999, p. 71) Afirma que “a intertextualidade é cruzamento de superfícies textuais, diálogos de várias escrituras (...) todo texto é absorção e transformação de outros textos” (...). Dessa forma verificamos que a leitura textual exige que o leitor tenha conhecimento suficiente para que possa estabelecer relações com outros

textos. Uma vez estabelecida à relação intertextual prova que em todo discurso há ressonância ou influência de outros textos.

Nos contos em análise confirma-se o que mencionamos anteriormente, uma vez que, o autor recorre a várias obras, período políticos, religiosos e também a diferentes culturas, para dar ênfase aos seus escritos.

Em ambos os textos é possível perceber a relação que autor faz com os princípios religiosos, o que são evidenciados pela voz do narrador ao se referir aos protagonistas como monges, e até mesmo ao recorrer aos céus para entender e julgar o que se passa na terra. Também, ao emitir julgamento as atitudes de Elisa (J.M.), faz uso das palavras do "Patriarca de Constantinopla": "Ah! Bem ensinara S. Crisóstomo que a mulher é um monturo de impureza, erguido à porta do inferno". (J.M, p.66). Para descrever a beleza de Elisa o narrador usa termos poéticos como os utilizados pelo rei Salomão ao descrever a beleza de sua amada: "Esse teu porte é semelhante à palmeira (...), os teus cabelos descem ondeantes (...) (Cantares de Salomão, p. 466), em "José Matias" encontramos: "Alta, esbelta, ondulosa, digna de comparação bíblica da palmeira ao vento". (J.M. p.56) .

Ainda das descrições de beleza de Eliza, ao compará-la com a beleza de mulheres como Helena de Tróia, o narrador recorre a Literatura Latina, mais precisamente a *Ilíada* de Homero, um dos poemas mais antigos que falam de amor e morte. O que é perfeitamente coerente neste caso já que a degradação do protagonista se dá pelo amor exacerbado, levando-o a morte. Há também a comparação com Inês de Castro, dama castelhana por quem se enamorou D. Pedro, príncipe Português. Em função de um amor proibido, Inês de Castro é executada.

Outro ponto de intertextualidade em "José Matias" consiste no fato do narrador se auto denominar como filósofo e estar sempre mencionando que o caso de Matias nem a filosofia é capaz de compreender. "Enredado caso meu amigo! Ah! Muito filosofei sobre ele, por dever de filósofo". (J.M. p. 70). Entretanto essa maneira de inserir a filosofia no enredo revela o que marcou o realismo foi à chegada dos filósofos em Portugal.

Outro aspecto a ser considerado é que a intertextualidade não está limitada só a fatos históricos. O narrador recorre a filósofos de diferentes linhas teóricas como Hegel, filósofo alemão que o próprio narrador se coloca como

defensor. E, ao longo da narrativa, há menção a Aristóteles filósofo grego, seguidor de Platão, Kant, Espinosa, Malebranche, Fichte.

Em “Singularidades de Rapariga Loura” é possível perceber envolvimento político, pois segundo França; “este conto deve ter sido escrito por Eça durante sua última permanência em Havana, em 1873” ⁵. Nessa época Eça de Queiroz foi nomeado cônsul e lá testemunhou a situação deplorável em que viviam os chineses que para lá eram enviados como escravos de Macau para Cuba. Mais tarde, em suas cartas consulares, Eça expressa a sua indignação.

Talvez as cartas consulares de Eça de Queiroz sejam pouco conhecidas, sendo assim pouco ou nada conhecidas às denúncias que nelas fez. Mas seu conto “Singularidades de Uma Rapariga Loura” é bastante conhecido e nele sob a capa da alegoria, vibra a feroz, com humor satírico, a palavra de Eça “Macau/Macário” Parecem não representar apenas uma simples coincidência de nomes, apontando antes, para a necessidade de uma leitura relacionando texto e contexto e momento histórico. (França, p. 635).

Outro ponto de intertextualidade em “Singularidades de Uma Rapariga Loura” presente na voz do narrador, ocorre quando este recorre à mitologia grega para se referir a Macário como homem inexperiente sexualmente: “Macário aos vinte e dois anos, ainda não tinha – como dizia uma velha tia, que fora querida do Desembargador Curvo Semedo, da Arcádia,___ sentido Vênus”.(S.R.L. p .13). Assim, de um modo geral, compreendemos que as relações intertextuais que foram aqui mencionadas reiteram o fato que a multiplicidade de vozes está presente em todo o discurso, seja ele escrito ou falado. Esse recurso permite-nos perceber que um texto sempre está presente em outros textos, ele nunca não é único.

⁵ Retirada do artigo de Maria José França. 150 Anos com Eça de Queiroz p.634.

CAPÍTULO II-RELAÇÕES ENTRE TEMPO E ESPAÇO NOS CONTOS QUEROSIANOS

Sabemos que o tempo e espaço são elementos importantes em uma narrativa, pois é através deles que os autores enriquecem seus enredos, determinando funções específicas de acordo com a organização interna dos fatos dentro da obra literária.

Segundo D' Onofrio

A espacialidade e a temporalidade são componentes sintático-semânticos de uma narrativa e se definem pelo autor a que estão conjuntas (...) Sua função é dúplice e antitética: de um lado dão-nos ficção na realidade, tornando-a inteligível, mas de outro lado, instauram o mundo do imaginário, suspendendo as leis do real. (1995, p. 96-7)

Sendo assim é possível entender que o tempo e o espaço são aspectos importantes na literatura. Eles possibilitam o engrandecimento da obra, caracterizando-as de acordo com os acontecimentos, descrevendo, e expressando-as no mundo da ficção. Nas obras em questão é perfeitamente possível essa identificação, uma vez que ambas estão marcadas por tempos; históricos, cronológicos, e psicológico.

Para Benedito Nunes (2000), o tempo adota uma relação que envolve passado e presente, pois;

É deslocável o presente, deslocáveis são o passado e futuro. De uma infinita docilidade, o tempo da ficção liga entre si momentos que o tempo real separa. Também pode inverter a ordem desses momentos ou perturbar a distinção entre eles, de tal maneira que será capaz de dilatá-los indefinidamente ou de contrai-los num momento único, caso em que se transforma no oposto do tempo, figurando o intemporal e o eterno. (ibidem, p. 25)

O tempo é de fundamental importância para que o ser humano se oriente, uma vez que fatos históricos são marcados por datas. Dessa forma o homem é regido por este fator, levando-os a viver em função do tempo. Entretanto esse tempo pode ser marcado por bons e maus momentos. O que suscita no viver diário o desejo de reter ou acelerar esse momento em que se está vivendo, seja ele por prazer ou por infelicidade. Esses sentimentos são muito bem retratados por autores de obras de ficção. Eles constroem seres fictícios, que vivem situações semelhantes aos do seres reais, o que permite ao homem se identificar com o mundo ficcional.

Em "Singularidades de Uma Rapariga Loura" e "José Matias", é possível perceber a maneira de Eça de Queiroz usar o espaço, dispondo os elementos de forma peculiar, com uma função específica. Através do eu narrador é possível perceber a descrição de ambientes físicos. O tempo nos leva para dentro dos contos e assim compreendemos a conduta e personalidade das personagens.

O surgimento da paixão amorosa de Macário pela bela loura aparece juntamente com a descrição do ambiente físico. Todos esses aspectos ajudam Macário a mudar o rumo de sua vida: "(...) a noite quente de julho e a atmosfera estava elétrica e amorosa... espreguiçou-se, rolou morbidamente a cabeça pelas costas da cadeira de vime, como os gatos sensíveis que se esfregam, e decidiu que sua vida era monótona". (S.R.L. p. 20).

Também com José Matias as atitudes de Elisa, verificadas através das descrições do ambiente, levam o personagem a mudar seu comportamento e hábitos diários,

E esta presença real da divina criatura no seu ser criou modos novos, no José Matias estranhos derivados de alucinações... Pois nunca ceava sem serpentinas profusamente acesas e a mesa juncada de flores. Por quê? Elisa também ali ceava invisível (...) (J.M. p. 60).

A escolha dos elementos espaciais é de fundamental importância. É por meio deles que o autor mostra o mundo, função e ligação que os personagens possuem em relação ao espaço que habitam. O que torna possível ressaltar o

valor do espaço nos contos querosianos analisados. Desse modo, a descrição do espaço na narrativa enfatiza os conflitos íntimos inerentes ao ser humano e determinam o estado de espírito em que as personagens se encontram, pois é através dele (espaço, ambiente), que percebemos a condição social e psíquica dos mesmos.

De acordo com (Matoré apud D'onofrio).

O espaço é mais dócil que o tempo às exigências racionais do espírito, é um fator de inteligibilidade e um apelo ao conceito. É ele que impõe seu molde às coisas e as realiza, que permite ultrapassar a zona do sonho e a contemplação das virtualidades, é graças a ele que o mundo acede à existência e a objetivação. Mais seguro e eficaz, o espaço é suscetível de ser designado por palavras que podem conjurar e reprimir aos poderes misteriosos enquanto o tempo é a promessa de morte, o espaço é o meio virtual onde se encara nossa atividade. , (op.cit., p. 99)

Sabemos que o tempo faz parte da história desde os primórdios, ou seja, desde a origem do mundo, sendo marcado de diferentes formas no intento de organizar os eventos que abrangem o universo como um todo, relacionados aos movimentos de exteriorização. Contudo, para que esta organização seja de forma coerente, existem diferentes formas de tempo, cada um com conceitos únicos que desempenham função específica em relação à ordem e duração. De acordo com Benedito Nunes

O tempo físico se traduz com mensurações precisas, que se baseiam em escalões unitários constantes, para o cômputo da duração, o psicológico se compõe de momentos imprecisos, que se aproximam ou tendem a fundir-se, o passado indistinto do presente, abrangendo, ao sabor de sentimentos e lembranças (...).(2000, p.19).

Diante das considerações aqui mencionadas, observamos o valor do tempo e do espaço na vida humana, entretanto é relevante dizer que tempo e espaço são interdependentes, porém, também se fundem e um aparece no

outro, permitindo descrições precisas de sensações sentidas pelas personagens, seja ela individual ou coletivamente.

A partir do conhecimento de tempo e espaço, e o que estes elementos significam dentro das obras em análise, estaremos dando ênfase ao tempo psicológico, uma vez que as personagens de Eça apresentam esse aspecto intimista. Segundo D'onofrio (1995) o tempo psicológico

... não é um tempo absoluto, mensurável através de padrões fixos. É o tempo interior á personagem e a ela relativo, porque é o tempo da percepção da realidade, da duração de um dado acontecimento no espírito da personagem. (ibidem, p.101),

Sendo assim, o tempo psicológico é aquele que revela o interior do ser fictício. Sua percepção ora se volta para o passado, ora projeta-se para o futuro, sendo determinados pelo anseio ou imaginação da personagem.

Em "Singularidades" a voz do narrador denuncia uma certa introspecção:

(...) Existe, no fundo de cada um de nós, é certo, __ tão friamente educados que sejamos__ um resto de misticismo; e basta às vezes uma paisagem soturna, o velho muro de um cemitério, um ermo ascético, as emoliente brancuras de um lugar, para que esse fundo místico suba se alargue como um nevoeiro, encha a alma, a sensação e a idéia, e fique assim o mais matemático ou o mais crítico__ tão triste, tão visionário, tão idealista__ como um velho monge poeta. (p 11)

Nesse tom introspectivo o narrador antecipa ao leitor as características do protagonista, o que se torna claro na medida em que é descrita a história de Macário, uma vez que, este tinha apenas vinte e dois anos de idades, e o relato se dá quando a personagem tinha quase sessenta anos. O retorno ao passado marca o tempo psicológico na narrativa e evidencia o fluxo de consciência de Macário.

Graças à maneira de relatar sua história é possível avaliar as cicatrizes deixadas na alma do protagonista. Suas lembranças são marcadas por momentos de profundo sentimentalismo, como mostra os fragmentos abaixo: “Macário saiu, estonteado. Chegou em casa, deitou-se e chorou e adormeceu...” Quando se viu assim só e pobre, Macário desatou a chorar. Tudo estava perdido findo e extinto. (S.R.L. p. 21-2). Apesar de o destino conspirar contra, o protagonista não desiste em lutar por sua felicidade.

Quando tudo parecia bem e “Macário estava então na plenitude do amor e da alegria. Via o fim de sua vida preenchido, completo e feliz” (S.R.L. p. 24), um fator determinante marca para sempre sua vida: Luisa furta o anel na joalheria, e esta é desmascarada pelo vendedor. A princípio, na frente do joalheiro Macário a defende, porém ao saírem da loja ele muda seu comportamento: “De repente soltando o braço de Luisa, disse lhe baixo. – Vai-te (...) És uma ladra. E voltando-lhe as costas, afastasse devagar (...). Como partiu nesta tarde para província, não soube mais daquela rapariga loura. (S.R.L. p. 50). A confirmação de que Luisa era uma ladra deixa marcas profundas em Macário, que irá refletir por toda a sua vida. “Vi-o chorar, aquele velho de quase sessenta anos” (S.R.L. p. 13). Desse modo é possível perceber que Macário, mesmo após vários anos, não se recuperou da desilusão de ter perdido seu grande amor.

Segundo o relato de Macário para o narrador, Luisa era calma, indiferente: “Segundo me disse Macário era muito de singular o temperamento de Luisa. Tinha o caráter louro como o cabelo - se é certo que o louro é uma cor fraca e desbotada: falava pouco, sorria sempre... dizia a tudo pois sim; era mais simples, quase indiferente, cheia de transigências” (S.R.L. p. 38). Apesar da aparente passividade de Luisa, em uma leitura mais atenta, nota-se traços do seu caráter doentio. Isso se observa pela excitação demonstrada pela personagem diante de objetos que lhe despertam desejos, e até mesmo pela facilidade que tem em ocultar os mesmos. No sumiço da peça de ouro: “Luisa sorria... vendo girar... seguia o giro da peça de ouro... Até que a peça caiu para o “seu regaço”... Luisa levantou-se e sacudiu com uma pequenina pancada o seu vestido de cassa. A peça não apareceu” (S.R.L. p. 32).

Também na joalheria, acompanhada por Macário, ela examina todos os anéis, emitindo sua opinião sobre os mesmos até que o noivo mostra um que

lhe agrada, prova em seu dedo e a protagonista fica muito feliz. Escolhido o anel, saem da joalheira e neste momento Luisa é desmascarada por roubar um outro anel que colocará no bolso.

As habilidades de Luisa não se restringem só em ocultar objetos, mas também em disfarçar as emoções, como acontece no momento, em a personagem fala a Macário que lhe peça em casamento: "Porque não me vens pedir a mama?". Ele, sendo uma pessoa ponderada responde. "- Mas filha, eu não posso! Não tenho arranjo nenhum. Espera é mas um mês talvez.". Para atingir seus objetivos Luiza o proíbe de visitá-la. "Macário rompeu a chorar, os soluços saíam violentos e desesperado. - Chut! - dizia Luiza. - não chores alto!..." (S.R.L. p. 38). Essa atitude de Luisa demonstra que a mesma estava acostumada a esconder fatos, sejam eles materiais ou sentimentais.

Em "José Matias" o caráter intimista do protagonista revela um profundo sentimentalismo que não permite ver os fatos com naturalidades. Tudo se volta para um mundo idealizado, impedindo-o de agir com coerência, levando-o a decadência financeira, moral, física, até chegar à morte. Entretanto o leitor toma conhecimento do estado de espírito de Matias pelo prisma do narrador, o qual não deixa dúvidas a respeito do espiritualismo que envolve o personagem, revelando minuciosamente cada detalhe do comportamento de Matias. Assim temos: (...) "Sorriu depois extaticamente, aludindo ao calor e enrolando um cigarro distraído... É a cada momento irresistivelmente, por um hábito já tão inconsciente como o pestanejar, os seus olhos risonhos, calmamente enternecidos" (...) (J.M. p. 58). De acordo com a descrição do narrador vemos que o comportamento de Matias é irrefletido, o que não o permite lutar com clareza pelos seus objetivos. Quando o faz perde-se em devaneios esquecendo-os, o que o leva a uma profunda melancolia. O caráter depressivo de Matias o transforma em um ser fracassado, conduzindo-lhe a morte.

Elisa, o grande amor de Matias, ao demonstrar seus sentimentos, revela seu íntimo, ou seja, a subjetividade do amor, que pela espiritualidade de Matias é obrigada a ocultar dentro de si: (...) "a pobre Elisa mostrava por ele um antigo amor!" (J.M. p. 70). Mesmo provando seu amor a Matias, ele não a quer: "Essa mulher ele a recusara na frescura e na grandeza de um sentimento que nenhum desdém ainda ressequira ou abatera." (J.M. p. 69). Assim temos a resignação do ser em entender a alma conflituosa do protagonista, levando-a a

agir de acordo com o próprio Matias, ou seja, a contemplação do ser amado: “Ela se demorava a fitar o portal, muito quieta, sem outro gesto naquele antigo e mudo olhar do terraço por entre as rosas e as dalias.” (p. 79).

Matias adoece e morre e mais uma vez Elisa prova seu amor: “Elisa mandou seu amante carnal acompanhar e cobrir de flores o seu amante espiritual”. (J.M., p. 82). A atitude de Elisa demonstra um dos sentimentos mais sublimes, que podem envolver o ser humano, ou seja, a compreensão dos sentimentos do outro.

Diante destas considerações percebemos a preocupação de Eça de Queiroz em não mostrar somente o exterior, ou o meio em que o sujeito está inserido, mas, sobretudo, a alma humana. Ele revela os valores impostos pela sociedade, o que gera sentimentos negativos, tornando as pessoas infelizes.

2. 1- O Cronotopo e as ações entre as personagens

O espaço é o limite que marca a movimentação dos seres. Sendo que este espaço pode ser interno e externo, criando as imagens visuais que fazem parte tanto do universo real, quanto do imaginário. Segundo Bakhtin (2002, p. 245)

... Os sentimentos externos, as emoções internas, as especulações e os conceitos abstratos se concentram em torno do olho que vê como centro, como primeira e última instância. Tudo que é substancial pode e deve ser visível; tudo o que é invisível não é substancial.

De acordo com as considerações acima entendemos que existe um processo integrando o tempo e o espaço dentro de uma narrativa denominado Cronotopo. Neste processo tempo e o espaço resumem-se, ambos se constituem e revestem-se de sentido, cruzando-se e fundindo-se numa série de sinais que o caracterizam. Desse modo cronotopo é a definição do espaço temporal, pois estes são inseparáveis e possuem um valor emocional.

Nas obras em análise é possível perceber esta fusão cronotópica, como no fragmento a seguir: "Macário contou-me que a noite passou ao acaso pelas ruas, ruminando a sua dor, e lutando, sob a nudenta friagem de janeiro, na sua quinzena curta" (S.R.L., p. 39). Nestes fragmentos o tempo cronológico representado por passar a noite, quinzena curta e Janeiro, marca a linearidade da narrativa, ou seja, acontece um dia após o outro. Já o espaço é marcado pelo esforço de Macário em conquistar a estabilidade financeira para contrair matrimônio com Luisa.

No conto "José Matias" também é possível perceber a fusão cronotópica: "E este elevo meu amigo, levou dez anos, assim, esplêndido, puro, distante e imaterial". (J.M., p. 59). O tempo cronológico é marcado pela cotidianidade dos anos que Matias passa absorto em seus devaneios. Já o espaço é marcado abstratamente pelas palavras distante e imaterial, que confirmam o amor platônico vivido pelo protagonista.

O tempo é, por assim dizer, o vínculo substancial e visível que une os tempos presente e passado, une à atividade criadora do tempo (do passado no presente e do próprio presente). Ou seja, a necessidade que emboca o tempo, liga o tempo ao espaço, e os tempos entre si. Por fim, com base na necessidade que impregna o tempo espacializado, a inclusão do futuro é que irá assegurar a plenitude ao tempo, e delinear os retratos psicológicos das personagens.

Tais considerações podem ser exemplificadas pelo comportamento de José Matias: "Pois nunca ceava sem serpentinas profusamente acesas a mesa juncada de flores. Por quê? Porque Eliza também ali ceava, invisível," (J.M. p. 60). A união cronotópica, está entre espaço e ambientação, desse modo vê-se a projeção de futuro, o que revela o perfil psicológico do protagonista.

A essência do cronotopo está na junção do tempo/espaço, os quais podem proporcionar características opostas de intersecção ou ainda de confronto, de acordo com o tema do enredo. O cronotopo tem a função de centro organizador figurativos dos principais acontecimentos temáticos, dentro da obra. O tempo escolhido pelo autor, para sublimar a narrativa é expressa pela ligação dos atos do presente, que concebem os reflexos de situações vividas no passado.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho procuramos apresentar o modo peculiar que Eça de Queiroz utilizou para trabalhar o realismo de sua época. Isto se verificou pela maneira do autor construir suas personagens. Em princípio, as personagens querosiana mostram-se fortes, no entanto no desenrolar das narrativas, tornam-se extremamente frágeis, como se verificou nos casos de José Matias (J.M.) e Macário (S. R. L.).

Assim, no primeiro capítulo procuramos mostrar a composição do narrador, bem como a análise das personagens, enfatizando as consequências dos falsos valores impostos pela sociedade burguesa da época no psicológico das personagens. Para isto nos pautamos nos estudos de Antonio Candido, Beth Brait e Salvatore D' Onofre. No decorrer do trabalho percebemos a presença marcante da simbologia nos contos querosianos, o que requereu a elucidação dos mesmos. A consulta ao dicionário de símbolos de Chevalier e Gheerbrant, possibilitou o entendimento dos símbolos e sua relevância para o desenrolar da narrativa.

Ainda no primeiro capítulo, fizemos uma divisão para mostrar a intertextualidade presente nas obras em análise. Pautamos nos estudos de Bakhtin, pois para este teórico não existe palavra linguisticamente virgem, não atingida pelo contexto. Sendo assim um texto passa existir a partir de outro texto.

No segundo capítulo procuramos evidenciar o tempo e o espaço dentro das obras, bem como a escolha dos elementos espaciais. Estes são de fundamental importância, pois é por meio deles que o autor mostra o mundo, função e ligação que os personagens possuem, em relação ao espaço que habitam. Entretanto para que chegássemos a esta conclusão, nos pautamos nos estudos de Antonio Dimas, Benedito Nunes, Salvatore D' Onofre e outros. Também no segundo capítulo, enfatizei a função do cronotopo, conceito defendido por Bakhtin. Segundo este pensador, a fusão cronotópica se dá pela junção do tempo e do espaço, e dentro da narrativa o cronotopo torna-se o centro organizador do enredo.

Após essas considerações, ressaltamos o cunho intimista das narrativas aqui analisadas, o que possibilita a reflexão das atitudes das personagens, pois através da introspecção psicológica, entramos em contato com a interioridade das personagens, bem como as causas que o levaram a agir de maneira tão conflitante.

Referências Bibliográficas

1. Obras de Eça de Queiroz

_____. *Singularidades de Uma Rapariga Loura*. In cinco contos, (org). PASSONI, Célia A. N 1ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

_____. *José Matias*. In cinco contos, (org). PASSONI, Célia A. N 1ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

QUEIROS, Eça de. *O Primo Basílio*. 14 ed. São Paulo: Ática São Paulo: 1993. 328p.

2. Textos teóricos e estudos críticos

ALMEIDA, João Ferreira. *Bíblia Sagrada*. 2ª ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética-a teoria do romance*. 3 ed. São Paulo: EDUNESP, 2000.

_____. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Trad.. Paulo Bezerra. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005

BARROS, Diana Luz Pessoa de, FIORIN, José Luiz. *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin*. São Paulo: 1999.

BATAILLE, Georges. *A Literatura e o Mal*. Trad. Sueli Bastos. São Paulo: L&PM, 1989

BRAIT, Beth (org). *A personagem*. Campinas, SP: Ática, 1988.

CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. *Eça e Machado: Simpósio Internacional PUC – Unicamp*. São Paulo: 2005.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, gestos, formas, figuras, cores e números)*, 17ª ed. Rio de Janeiro: 2002.

DIMAS, Antonio, *Espaço e Romance*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1994.

D'ONOFRE, Salvatore. *Teoria do texto*. São Paulo: Ática, 2002.

_____. *Literatura Ocidental*. 2ª ed. São Paulo: Ática 2000.

Encontro Internacional de Querosianos, 3ª ed. São Paulo, 1995. *150 Anos com Eça de Queiros*. São Paulo. Centro de Estudos Portugueses: Área de Estudos Comparativos de Literaturas de Língua Portuguesa / FFLCM/USP, 1997.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. 2 ed. Companhia das letras, 1994.

LIMA, José Leonildo; SILVA, Teresa de Pazos. *Roteiro para elaboração de trabalhos acadêmicos e monografia*. Cáceres: Editora Unemat, 2005.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 2002.

PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto*. Trad. Jaime Ferreira e Victor Oliveira. 2ª ed. Lisboa: Vega, 1983. 287p.

Revista do Centro de Estudos Portugueses/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo n. 2 (1999) -.São Paulo

3. Sites Consultados (citados no trabalho)

www.bestiario.com.br/20_arquivos/queiroz.html

www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/A/analepse.htm

4. Bibliografia

MOISES, Massaud. *A literatura através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1993.

_____. *A Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 2001.

_____. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1974.

TODOROV, Tzvetan. *As Estruturas Narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

BENJAMIM, Walter. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

5. Sites Consultados

www.regina.celia.nom.br/lit.1.6histconto.1.htm

www.letras.puc-rio.br/Catedra/revista/1Sem_08.html

www.triplov.com/letras/eca_de_queiroz/queiroz_abranhos.html